

fluctuat nec mergitur

OPOLITRECO

Arguto e diligente órgão de comunicação do Grêmio Politécnico
Escola Politécnica, junho de 1991 - Ano X - Número 203



NESTA EDIÇÃO...

A Maravilhosa Volta de Charles Bengha diário de um politécnico críticas e autocríticas um ano de governo polêmicas super-engenheiro mann-on-bus entrevista geraldine quaglia capa figuras aleatórias editorial calhaus manchetes fórum politécnico estudantes e polícia pesquisa etc etc etc etc...

Editorial Cansado

Fazer jornal não é tarefa para qualquer Zé Mané.

Fazer jornal exige obstinação, garra, persistência, paixão, trabalho mas principalmente um grande exercício de imaginação. Porque?

Simplesmente porque desde o início do ano pode-se contar nos dedos (de uma mão) as críticas e sugestões que chegaram por escrito ou oralmente ao jornal. Será que o jornal está muito sério? Formal? Engraçado? Debochado? Sexy? Gostoso? Sensual? Enfim: é preciso realmente um grande exercício de imaginação para adivinhar o que as pessoas estão pensando do jornal. E assim é difícil adaptar O Politreco aos anseios dos politécnicos. Desse jeito,

o estímulo para quem trabalha com o jornal vai apagando. Não há *feedback*.

Além disso: quando começamos a fazer o Politreco, e os artigos na urna eram bem raros, pensamos que era uma questão de tempo para eles aparecerem.

Saiu o nº 199, 200, 201, 202,... A urna continuava vazia. Colocava chamadas no jornal e cartazes para conchamar os politécnicos a escreverem. Mas tudo parecia em vão. Apesar de alguns que escrevem regularmente, a imensa e esmagadora maioria dos leitores do jornal sequer cogitavam a idéia. A urna criava teias de aranha e o Politreco ficava cada vez mais monocórdio. Sentíamos isso, mas temos instrumentos limitados: não queremos escrever o jornal inteiro. Rejeitamos paternalismos. Temos, evidentemente, alguma responsabilidade sobre a linha editorial. Mas

cansamos de dizer que a linha editorial pode sofrer mudanças e melhoramentos.

Vai aqui, então, um pedido: dêem sugestões, critiquem, estimulem o trabalho dos fazedores do seu jornal. E, principalmente, escrevam coisas interessantes.

Não sei. Não sei mais nada. Se o Politreco tiver valor para alguém, por favor: se manifeste, tente criticar, escrever, participar. A tarefa de editor é ingrata. Para mim chega. Adeus.

*Ex-Paulo Blikstein
Ex-Secretário Geral do Grêmio Politécnico
Ex-editor-chefe
Atual representante da Poli na Enfermagem e Nutrição.*

Expediente

O Politreco é uma publicação mensal do Grêmio Politécnico - Gestão QVO VADIS

Editor Chefe:

Paulo "Blim Blim" Blikstein (2ª Elétrica)

Edição e Diagramação:

Paulo Blikstein

Paulo Fernando "Clark Kent" Silvestre Jr. (2ª Elétrica)

Participaram dessa edição

Alexandre Meyer (2ª Elétrica)

Arnaldo Bohn Nobre (5ª Naval e Presidente do CEN)

Paulo Alexandre Zerbati (2ª Elétrica)

Jessian (2ª Elétrica)

Jorge Jabur (5ª Civil-Escritório Piloto)

Luciana Bechara (2ª Civil)

Ricardo Consonni (2ª Naval-CEN)

Robson (1ª Civil)

Rodrigo Chiprauski

Rogério "Strezza" Trezza (2ª FAU)

Sérgio Rosenberg Aratangy (2ª < x < 4 Elétrica e Presidente Do Grêmio Politécnico)

O jornal não se responsabiliza pelas opiniões expressas nos artigos assinados. Respeitando o artigo 2312 do estatuto desta publicação, não há censura.

Cartas para o editor: urna do Politreco, sala 16

Visitas ao próprio: em virtude do editor ser agora um homem comprometido e de respeito, as visitas ao km.15/Suíte Presidencial só ocorrerão no maior respeito, só como amigos, sem perguntas, sem cobranças. Pedimos a compreensão de todas.

O mercado de disquetes no Brasil está ficando concorrido...



P
a
r
a
s,

estimular nossa indústria, você poderia nos mandar seus textos digitados em qualquer processador de texto. E de quebra, facilitaria nosso trabalho, editan-



Charles Benga

Há alguns anos minha coluna era uma das mais lidas d'O Politreco. Odiada pelas meninas e amada por outros. Pois bem, o Deus do amor e do sexo explícito está de volta! O defensor do machismo e das mulheres submissas voltou, desta vez mais radical. As garotas me odiavam porque eu exibia a nu a fraqueza da carne, a submissão do prazer porno-erótico-sexual. Bem, aqui estou. Hoje abordaremos dois assuntos: o sexo-anal e uma coletânea de poemas meus, já publicados, que ofereço àqueles que não me conhecem, não conhecem meu garboso estilo jornalístico-realista.

Primeiramente falemos do sexo-anal. É uma das formas mais antigas de sexo, com documentos que provam que já era praticado nas antigas civilizações egípcia e hindu. Hoje em dia ele é encarado com muitas reservas sendo considerado um grande tabu da sociedade. Mas os que provaram advertem: é demais! O ato consta de penetrar o ânus da garota, aquele botãozinho rosa e apertado. Mas vá com calma. Nem todas gostam, e você não pode esquecer que dói muito, mesmo no caso de você ter um pequenino brinçalhão (em vez de grande bobalhão). A não ser que a rapariga seja já bem rodada, com muita experiência de vida, com muitos ânus vividos... O lance é chegar junto mesmo. Colar na menina, preparam o proceder e tum, lentilhou! Até as bolas!!!

Se a menina não quiser ou não estiver esperando, tem a velha desculpa: "Oh, desculpe, errei de alvo, meu bem...". Outro conselho: leve alguma substância para servir de lubrificante:

Charles Benga is back



óleo Johnson, vaselina véia-de-guerra, Claybom Cremoso, maionese Capriccio (Azeitonas pretas combinam mais com o local) ou, para os mais sádico-radicalis, Maionegg's com arcia. E não tenha nojo. Lembre-se daquele dia que você deu aquele barro e teve que limpar com a mão. Só é recomendável que você faça sexo anal no banheiro, perto da pia ou do chuveiro, porque depois que você tira é um fudum, meu camarada, que vou te dizer...

Qualquer dúvida escrevam para mim, súditos eróticos. Terei o prazer de esclarecer pessoalmente ou por escrito qualquer dúvida (reserva: só respondo cartas de súditas). Vamos agora a uma pequena reunião de meus poemas, que dedico a todas as pessoas que idolatram, como eu, o sexo erótico pornográfico.

I

Aqui tem ar puro e mandaracu;
Tem gente com ar matreiro;
Se um dia o "roxo" der o cú
A comer eu quero ser o primeiro.

II

Quero cagar e não tenho papel;
tá quase saindo, o cú tá tenso;
Cheguei a um bar a tropel,
mas o infortúnio me fez usar o lenço.

III

Historia Da Ana Glória

Essa é a história mal contada da menina inocente que de inocente não tinha nada. Ela fazia colégio burguês, Usava roupas Mr. Kitsch, Dançava e aprendia Inglês. Queria por que queria (um dia meteu na cabeça) na Poli fazer engenharia.

Fazia curso de teatro e mímica
Tinha um santana prateado
e acabou entrando na Química.
De tão bonitinha que era
(nunca dado tinha)
pensava em tudo como uma quimera.

No meio de tantos garotos gentis
Tripudiava-os sem pena,
Bancando a virgem de gestos vis.

Mas se alguém atrevido fosse
Ela se retraía em frescura,
fazendo bico e cú-doce.

Mas a vingança um dia chegou:
se apaixonou por um cara da naval
Que não deu bola, nem se ligou.

Ela então caiu na real
Ficou na fossa, esquecida
No santana escuro deprê total.

Depois desbundou, largou mão.
Mora na Nestor Pestana
Abandonou a Poli: mudou de profissão...

IV

Conheci uma mina de lábios ternos,
mas logo foi quebrado o tesão.
Pois bem no meio de suas pernas
jazia inerte aquele grossão.

V

Numa festa da FAU, outrora,
bebi que nem o Mussum.
Mas o vômito veio, sem hora,
e ninguém mais aguentou o fudum.

É isso galera. Charles Benga is alive! Esperem para ver nos próximos números amplas reportagens sobre todos os assuntos, cobertas eroticamente por este que vos escreve, e que agora despede-se com um grande gozo...OhOhOhhhhh!!



Metendo o pau? Por quê?



Alexandre Meyer

Volto a escrever pro Politreco para fazer algumas considerações a respeito do artigo Metendo o Pau (Politreco 201 + 1) de autoria de um tal de Luciano do 3º ano que falou, falou e não se identificou.

Luciano, em primeiro lugar, se você quer ressuscitar "nosso" Politreco, eu sugeriria que você escrevesse um artigo mais inteligente do que aquela crítica nada construtiva e repleta de baboseiras publicadas na edição anterior. Se você acha os artigos idiotas, **faça melhor!** Além disso, o Politreco só não contém artigos de todos os alunos da Poli porque não são todos que escrevem. O Politreco, como você deve saber, não tem censura e qualquer coisa, devidamente identificada (nem que seja por um pseudônimo), será publicada.

Outra ressalva que eu gostaria de fazer é sobre o que você diz a respeito de "Bixos do 2º Ano". Isso não existe; você sabe o que é bixo?

Bixo: *sm.* Aluno que cursa uma faculdade há menos de um período letivo.

Então, dificilmente a terminologia que você adotou está correta, a não ser que você se considere também um "Bixo do 3º ano", o que é uma incoerência do mesmo tamanho da que você cometeu no seu infeliz artigo.

Gostaria de discutir também a sua posição ao que eu escrevi sobre as mulheres. Estou de pleno acordo com você. Existem mulheres na Poli; poucas, mas existem e são realmente pessoas maravilhosas. Tão maravilhosas e inteligentes que, ao contrário de você, perceberam imediatamente que o artigo destinado aos bixos, publicado no Politreco 200,

tinha um caráter irônico-satírico e que, obviamente, não deveria ser tomado ao pé da letra como alguns bitolados (como você) o fizeram.

Me deixou também extremamente preocupado a sua posição em relação aos artigos publicados manifestados na frase "*idéias machistas e retrógradas não devem ter lugar na publicação*", ou seja, você está sugerindo que se instale uma censura no Politreco? Depois desta sua colocação absurda, não resta dúvida de quem é o retrógrado por aqui...

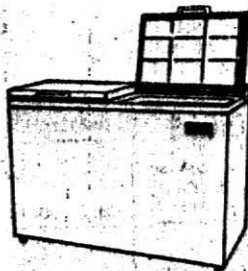
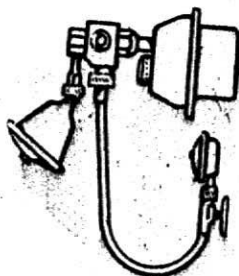
Eu sugeriria que, da próxima vez, suas críticas fossem feitas de uma forma mais construtiva, o que ajuda muito mais a restaurar o espírito de coleguismo da Poli.

Alexandre Meyer cursa o 2º ano de Engenharia de Eletricidade

O Que é FÓRUM POLITÉCNICO?

da Diretoria do Grêmio

A maioria não ouviu falar sobre Fórum Politécnico. Os que ouviram falar não sabem o que é. Este artigo, que é do seu mais direto interesse, vai esclarecer o que é afinal esse tal de Fórum.



Grêmio e a comissão do Fórum querem que, paralelamente à discussão de um projeto para daqui a três anos, sejam discutidos alguns problemas emergenciais dos atuais alunos. É uma oportunidade imperdível para mostrar aos professores que algumas mudanças são urgentes: aqueles pré-requisitos (aparentemente des-

cabidos) que tanto complicam a nossa vida, disciplinas que têm a mesma matéria, métodos didáticos ruins, métodos de avaliação que não funcionam, entre outros.

Será uma semana onde alunos e professores estarão reunidos. Assim, fica muito mais fácil colocar esses problemas. Eles serão ouvidos e podem ter solução mais rápida. O Fórum, por-

O Fórum é um encontro entre professores e alunos para rediscutir o curso da Poli e reformulá-lo completamente. Acontecerá no segundo semestre durante uma semana em que provavelmente não teremos aula. Daí você se pergunta: será que vão ferrar o aluno de novo? Inventar pré-requisitos e novas matérias? Implantar o período integral? Fazer vestibular paritário (entre homens

e mulheres)?

Calma. O objetivo do Fórum é fazer um novo projeto para ser implantado daqui a três ou quatro anos, para turmas que estiverem entrando. Para quem já está na Poli, as regras do jogo continuam as mesmas até a formatura. Então você se pergunta: porque eu vou participar de uma coisa que não vai me atingir nunca? Simples. Porque o

tanto, é do seu direto interesse.

A participação dos alunos é a alma do evento. Os professores alegam que os alunos não reclamam, e não dizem o que tem que ser mudado. Temos, portanto, que nos organizar bem para chegar ao Fórum com uma proposta consistente tanto para uma nova Poli quando para os problemas urgentes. Para que essa proposta tenha valor, é importante ouvir os alunos.

Existe uma comissão dos professores que está elaborando um projeto para a "POLI 2000". Eles visitaram várias escolas de engenharia no exterior para colher dados para o projeto.

Os alunos também têm uma comissão, composta de representantes do Grêmio e dos centrinhos. Está trabalhando desde o início do ano e também teve alguns enviados ao exterior (que custearam as suas próprias despesas), que coletaram dados para o projeto dos alunos.

Três debates já foram organizados. Mas a participação dos alunos é lamentável. Talvez pela desinformação, poucos tem ido aos debates.

Agora que você já sabe o que é Fórum Politécnico e para que ele serve, tente acompanhar os informes da comissão. Se você tem interesse em participar da comissão, chegue mais: procure um diretor do Grêmio ou do seu centrinho. Estamos precisando de gente.

Esse será o segundo Fórum. O primeiro foi em 1968. Promete ser um dos maiores eventos da história recente da Poli, e pode promover mudanças profundas. E isso diz respeito a você, politécnico: se você participar, pode melhorar a sua vida acadêmica. É uma chance imperdível para mudar as distorções que existem em nós e na nossa faculdade.

Participe!

Escreva para

Politreco



Um ano de Governo?

(uma crítica ao Sr. MPM)



Paulo Alexandre Zerbati

O alvo deste texto é o descabido artigo do Sr. MPM, um politécnico, no Politreco 202, intitulado "Um ano de GOVERNO". Antes de começar a discussão, devo dizer: não sou petista, pedetista, pedessista ou peerrecista. Sou apenas realista.

No referido artigo, o Sr. MPM decidiu ufanar o atual governo federal. Começou com palavras como "o primeiro governo sério que o Brasil já teve" e emendou com "o único governo que enfrenta os escândalos de frente". Usou frases batidas como "sacrifícios são necessários" e "não existem salvadores da pátria", frases usadas, pelo menos, quatro vezes por esse governo: em março de 1990, ao "impor" o Plano Collor I, em outubro de 1990, para tentar eleger os candidatos de Collor a governador, em janeiro de 1991, para acalmar a população já exaltada devido à alta da inflação, em março de 1991, ao impor o Plano Collor II. O Sr. MPM evoluiu seu texto baseado em argumentos fracos, mas dos quais não discordarei. O que farei é apenas lembrar algumas coisas ao Sr. MPM.

Diz o texto que "(...) com inflação, nada funciona (...)" e que o governo está certo em colocá-la como preocupação prioritária. Apesar disso, depois de todos esforços, depois de ter sido feita a maior operação financeira da história do país, os resultados são decepcionantes: a inflação fica na casa dos 9% ao mês, que é um índice muito maior do que o prometido (0% desde julho de 1990). Para fazer uma comparação, podemos pegar o Plano Cruzado (e seus resultados) que, embora tenha sido aplicado no governo de José Sarney (um governo "menos sério" do que o atual, segundo MPM) deu resultados mais rápidos e mais eficazes: inflação negativa em apenas dois meses de plano. Portanto, fazer o que o atual governo fez até agora, o governo de José Sarney conseguiu, só que fez melhor, mais rápido e com menos

trabalho.

Outra frase que me causou riso foi "que o atual governo abriu mão de interesses eleitorais imediatistas". A VASP que o diga. Pior que o caso da VASP, só o rolamento da dívida dos usineiros por dez anos. Os usineiros, sim, é que não são imediatistas, pois vão demorar mais dez anos para pagar as suas dívidas.

Logo depois o Sr. MPM escreve que "(...) é o único governo que enfrenta os escândalos de frente", fazendo logo depois a citação de três "escândalos", envolvendo a prefeitura de São Paulo. É bom lembrar que no caso LUBECA, nunca foi provado nada contra a prefeitura, no caso do autódromo, só os ganhos com os dois GPs de Fórmula I pagaram quatro vezes o valor dos terrenos dados à Shell; quanto a tapar buracos, vou apenas repetir algumas palavras do Sr. MPM: "Investir grandes somas num momento incerto como é o atual é uma operação irresponsável. Desta forma, é muito mais consequente por ordem na casa para depois reformá-la". E não custa nada lembrar o caso do caro ministro "marajá" do trabalho Magri, que recebia salários como ministro do trabalho e como funcionário da Eletropaulo. Ou isso não é escândalo, é apenas e tão somente um acidente.

Para finalizar, cabe a mim levantar um protesto quanto à sua afirmação de e Folha de S. Paulo ser um jornal sensacionalista. Como o senhor pode dizer isso? Pelo tom com que se expressou, o senhor não deve ler a Folha. Aliás, por seus argumentos, acho que nem o Politreco o Sr. MPM lê inteiro.

Portanto, Sr. MPM, antes de escrever alguma coisa para o jornal, pense. E, por favor, identifique-se. Ou o senhor não se identificou porque o último M de seu nome vem de Mello?

Paulo Alexandre Zerbati cursa o 2º ano de Engenharia de Eletricidade



Diario Politécnico

(Um politécnico triste fala de sua estadia na Poli)



Fantomas

20/maio de 91. É, parece que o tempo voa mesmo. Quase sem querer, estou no 5º ano. Cinco anos passam depressa! Parece que foi ontem aquela agonia do vestibular, aquela escolha fatídica pela engenharia... Agora passo por um período calmo. Já passei pela desilusão dos primeiros meses, quando percebemos que a escola não é o que esperávamos, que os professores são horríveis, as aulas vagabundas, as matérias viajantes e teóricas demais para um curso de Engenharia que se preze.

Passei também por aquela fase de indecisão (3º e 4º anos) durante a qual pensamos em mudar de curso (FAU, ECA, jornalismo...), ou abrir um bar, ou dar aulas em cursinho, ou trabalhar com o pai (deprimente).

Agora estou num ponto de não retorno. Não cabe mais questionar se eu realmente gosto da Engenharia ou acho a Poli exatamente o que eu esperava. A diretriz básica agora é sair daqui, formar-me o mais rápido possível, esquecer (ou lembrar) que um dia passei 5 ou 6 anos empacado num ninho oriental de estudos, de teorias, de relatórios, de subs, de CCEs medíocres...

26/maio de 91. Nem tudo nestes cinco anos foram coisas ruins. Houve muita coisa boa, muitos amigos e amigas, muitas festas... A vivência acadêmica fermenta em nós um espírito adolescente, rebelde e desbravador da juventude. Tenho recordações memoráveis de porres, de festas, de zonas feitas. Aquele sentimento de tocar o foda-se numa véspera de prova de MecFlu e ir para uma festa. Depois de fazer a prova bêbado, babando em cima da mesma. Foi a tônica de meus primeiros anos (1º e 2º). Logo que entrei conheci uns caras muito loucos, que agitavam todas. Não é Robert? Marcos Flávio? Bastava uma boa garrafa de vodka, uma festa na USP e pronto. Estava armada a confusão.

Ah, as eternas celebrações etílicas! Nunca me esqueço daquela cidra que

roubei interinha do Marcão, sorvendo toda a garrafa de uma só vez, durante uma festa da naval. Lembro-me também das cervejadas da Civil, onde eu tinha um grupo de amigos etílicos (a maioria viciada em pebolim): Mosca, Ozzy, Marcão, Dunga (in memory- descanse em paz, cara), Ratinho, Boli-nha, Rambo, Sil - Sem esquecer os salgadinhos-isopor que o CEC (ou melhor, o Bocão) comprava.

Foram anos de pouco estudo e muita zona. Como fazer para esquecer das festas da PUC-CAMPINAS? Lá ia eu para república do Andrei, no Botafogo, pra festas de arromba. Nunca me esquecerei do sexo que fiz no banheiro com uma gata da matemática-PUCCAMP, ou da vez que eu pulei da janela direto na piscina...

87 e 88. Anos dourados. Anos que pensava muito sobre o que fazer era um atributo que eu não possuía. A Poli eu levava como podia. Passava, nas matérias que não tinha que fazer projeto, nem relatório, isto é, nas que davam menos trabalho. A gente matava aula direto. Português, Desenho, Mecânica Geral, Cálculo, PQI. Aliás, não sei porque, os bixos a cada ano ficam mais bundões, pudorados, CDFs. Ninguém pensa mais em jogar bola no CEPÉ, ou jogar truco, pebolim. Parece que a cada ano os bixos seguem mais ainda os padrões politécnicos, maníacos suicidas em passar em tudo, não namorar, não participar de centro acadêmico, não escrever para o jornalzinho. Eles acham que ganham muito passando em tudo e se formando com uma boa média. Ah, como são bobinhos e idiotas. Mal sabem que mais tarde vão pegar o diploma, o histórico escolar com notas altas e enfiar no cú, pois estarão trabalhando com tudo, menos com engenharia (se não estiverem desempregados), e terão perdido a melhor parte de suas vidas, da que podem gozar de maior liberdade individual.

27/maio de 91. Todos me co-nhecem aqui na Poli. Ou quase todos. Talvez por ter participado de Centros Acadêmicos durante 4 destes cinco anos. Eu sou um palhaço nato; atirado, gozador e extrover-

tido. E curioso. Foi essa minha curiosidade que me fez ingressar no Grêmio Politécnico. Eu me perguntava: O que será que rola neste tal de GP? Será que é um antro de politiqueiros, do pessoal do PT, do PCB? Que nada. A simples curiosidade transformou-se em profundo interesse, o que resultou em dois anos como diretor de Imprensa do GP, tocando o Politreco. Conheci pessoas de grande capacidade: Jorjão, Falco, Kemie, Cumino... Depois foram mais dois anos de C.E.N., como diretor de Imprensa e Presidente. Conheci mais pessoas incríveis: Rodolfo, Rogério, Loco, Marco. Recomendo a todos vocês, bixos bundões do caralho, que participem do C.A.. Seus conceitos de responsabilidade, senso de planejamento e noções de grupo vão, provavelmente, se auto-incrementar.

28/maio de 91. Eu tenho muitas histórias para contar. Semana-de-Arte, festas, zonas, INTERUSP. Vou tentar contá-las aos poucos. Eu lembro de uma cervejada da Mecânica na qual bebi para caralho, e acabei vomitando na mesa de sinuca. Quem me deu uma força foi o Hiro (valeu cara!). Teve também uma festa na FEA que eu tava muito "loco", e acabei ficando com uma mina da Sociais atrás da biblioteca. Marcante mesmo foi a Semana de Arte da Poli, de 1989. Eu fazia parte do GP (Diretor de Imprensa) quando conheci um maluço chamado José Alberto Orsi. Ele simplesmente montou um projeto para uma Mega-Semana de Arte, com eventos em todas as áreas: música, teatro, pintura, fotografia... Zé Alberto tomou o projeto como uma questão de honra, lutando como um leão para realizá-lo (só quem conviveu com ele sabe do que eu estou falando). A Semana foi um sucesso dentro do que se permitiu. Só não foi maior devido à eterna desatenção e desinteresse por parte de nós, politécnicos-padrão, imbecis, bitolados, fechados sobre si mesmos numa redoma presunçosa de auto-estima. Mas a Semana serviu para conhecer pessoas sensacionais: o Zé Alberto e sua obstinação, o China e seu eterno mal-humor, a Luli, o Pira (que eu já conhecia de outros car-

navais), o Johnny, o Clark, o Daniel, o Paulo Metal, o Paulo José, e o nosso querido Sérgio. Juntos formamos um grande time. O melhor projeto foi a peça de teatro. Lembro-me do teatro, da trilha sonora Floydiana, do final, da Rita dançando, do Sérgio com o cabelo verde e braço em riste. Ah, se houvesse mais tempo para arte neste Brasil...

02/junho de 91. É. Bem ou mal, cedo ou tarde, estou deixando a Poli. No balanço Geral há superávit, presumo. Aqui é um lugar com o qual tem que se

aprender conviver, achar um bom termo entre estudar e viver. Eu acho que encontrei, mesmo a duras penas, este termo. O que deve se tentar mudar é a nossa imagem lá fora. Mudar a imagem de japonezinhos atarracados, de óculos, segurando uma HP. Há de se lutar para haver mais arte aqui, mais convivência Acadêmica. E isso só se dá através do Centro Acadêmico. Há que se encontrar pessoas de mente aberta, que queiram reerguer o Grêmio, fazer voltar os tempos de glória. Deve haver mais loucos por aí, como Sérgio Aratagy, Jorge

Jabur, Ricardo Cumino, Rodolfo Hrosz, Renato, Décio...

Estou cansado e triste, fora-de-forma. Não tenho mais o bom humor de outrora, nem vontade de sair por aí, zoando. Estou quase me formando, entrando no mercado de trabalho deste nosso país rico-pobre-alegre-triste. Talvez eu não tenha tão boas notas, mas pelo menos tenho histórias para contar.

Fantomas cursa o 5º ano de Engenharia Naval.



A história sem fim

Paulo Clark Kent

Você já ouviu falar em padronização? Se nunca ouviu, não vou culpá-lo; isso está cada vez mais difícil de se conseguir, seja na maneira como as pessoas falam e interpretam os outros, seja nas tendências da alta tecnologia mundial. Cada um faz cada coisa do seu jeito. Para ilustrar isso, considere a seguinte oração:

"Alexandre entrou na sala 24 para assistir a mais uma aula de Cálculo III da Zara. Logo depois, entrou Cláudia. Ela sorriu para Alexandre e sentou ao seu lado. Quando a aula estava terminando, ele tomou coragem e disse: "Gostaria de ir ao cinema comigo?". "Claro" - ela disse. Assim, marcaram um encontro no sábado à noite."

Agora, veja a mesma frase dita por um...

...francês:

"Le romantique Pierre entre la sala 24 para a aula de Cálculo 3, com Professor Bourdeux de la Chapeau. A seguir, entre Fifi, et Pierre pense para si: "Mon Dieu, que magnifique bonbon". Imediatamente, Pierre se levanta e se aproxima de la femme Fifi, no meio da sala e diz: "Mademoiselle, je t'aime". Vent minutos depois, elle acende la cigarette."

...californiano:

"Alex surfou para a aula com uma guinada radical. Que saco de aula! Só o

fazia lembrar de Sol e surfe e arcia e Sony e banana-split e Coke e voleibol e pranchas e gati nhas que estavam lá fora. Foi quando Carol surgiu patinando no horizonte, com o louro de seus cabelos esvoaçantes. Ele não aguentou e disse: "Hey Babe! 'cê sabe que o corpo celestial no centro de nossos sistema solar está emitindo radiação ultravioleta totalmente radical? Mas podemos usar meu protetor solar para diminuir a energia dos fótons que atravessam a atmosfera e atingem nossa epiderme, causada pelos restos da produção industrial de nossa avançada sociedade. O que acha?". Carol responde: "Ah! Você está me convidando para pegar uma onda... OK!". Daí eles resolveram matar o resto das aulas e foram para a praia."

...romano:

"*Homo sapiens* alumnus Augustus entrarem a aulus. Aulus difícil est: Greco methologius CCLXXVII (studius intermiticus). Sittus proximum Brutus porque femalae não permitus em classi. Professorum Archimedes diz: "Planeta ingesti scrotum syphylus, Domine animalia e Velut Arbor Aëvo Universitarium São Paulus." Augustus pensa: "Que merdius ele dizendus est?" Brutus diz: "Professorum, você fala grego e não eu entendendo est". Augustus suspira: "Et tu Brutus?" e Brutus apunhá-la Augustus."

...filósofo:

"O universo está a girar, quando Alexandre entra na sala de Cálculo... ou

será que não entra? Ele realmente existe? E, se existe, por quê? Deus o colocou aqui? Deus existe? Apesar disso tudo, Alexandre fica imaginando qual lugar lhe daria melhor perspectiva do mundo. Depois de consultar seu horóscopo, ele decide sentar. O universo continua a girar e Cláudia entra na sala...ou não entra? Ela realmente existe? E, se existe, por quê? Deus a colocou aqui? Deus existe? E se existe, por que tão poucas pessoas escrevem para o *Politreco*? Cláudia assume que sua personalidade está definida, portanto, seja qual for o lugar que sente, ela já pensa que existe. Termina por sentar-se próximo a Alexandre. E o universo continua girando, quando o professor entra. Isso está se tornando repetitivo. E isso enche o saco. Mas isso quer dizer que coisas repetitivas encham o saco? E então porque os limões rolam ao caírem de uma sacola e o vetor é orientado? Alexandre tenta produzir logilóquios com Cláudia e eles decidem viajar para a Zona Neutra da Metafísica para criarem premissas verdadeiras e escapar de falácias."

Agora que lhe foi ilustrado, essa verdadeira Torre de Babel, dê o máximo de si para não se transformar em mais um item desta lista. Todos perdem com isso.

Paulo Fernando Silvestre Júnior cursa o 2º ano de Engenharia de Eletricidade.

Mann-on-bus



A. J. Steinbergmann

Antes eu só desconfiava, mas agora tenho certeza: o editor-chefe tá enfiado. Na capa, diz que o Politreco é "do coração" e põe desenho com rosas. No editorial, fica dizendo historicamente que ninguém lê editoriais. Na matéria sobre a UNE, critica o congresso sem deixar claro as verdadeiras razões que o levaram até lá (o congresso foi em Campinas).

Mas não tenho nada a ver com essas opções pessoais. Volto a me dirigir aos leitores para denunciar os erros desses editores do nosso Politreco.

As fotos da matéria do congresso da UNE ficaram parecendo manchas disformes. Pouco se reconhecia de humano ou animal. Fotos tem que ser melhores.

Além disso, o número da edição (202) que aparece no alto de cada página veio errado (201). O editor, querendo dar uma de engraçadinho, colocou um "+1" nos números. O mês também saiu errado.

Mas esses são erros superficiais. O principal é que o jornal está perdendo conteúdo. Precisa urgentemente de textos interessantes. Embora o editor mereça culpa (alguns poucos autores estão monopolizando o jornal) talvez não possam fazer muita coisa: parece que poucos escrevem para o jornal da boneca.

Embora o jornal tenha melhora na forma, precisa de mais organicidade no seu conteúdo: cada edição deve ter uma "personalidade". Cada uma das edições do Politreco, hoje em dia, está mais para "coletânea" de artigos do que para "jornal".

É verdade que o Politreco precisa de melhoramentos. Precisa de mais gente escrevendo, mais revisão, mais relaxamento e gozo. Mas vamos dar um pequeno voto de confiança aos fazedores do jornal. Afinal, o tempo é o senhor da razão.

A. J. Steinbergmann é Mann-on-bus vitalício d'O Politreco. É inimigo pessoal do editor do jornal. Hoje vivem separados e cheios de rancores. Pretende assumir o cargo de editor-chefe num golpe de estado e exilar o atual titular no km.15 da Raposo/Suíte Presidencial.

n. da redação: isso nunca!



Polícia agride estudantes



AS MANIFESTAÇÕES DE ESTUDANTES, FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES NOS DIAS 22 E 23 DE MAIO ACABARAM EM PANCADARIA PROMOVIDA PELOS POLICIAIS.

As manifestações contra a Privatização da Universidade, por melhores salários e condições de ensino, foi severamente reprimida por policiais do Campus e policiais militares.

Sob a coordenação do Tenente Mendonça (assessor pessoal do reitor Lobo), a repressão à manifestação iniciou-se com espancamento de uma estudante por um policial do Campus, tendo em seguida a entrada em cena da polícia militar e seu batalhão de choque.

O saldo desta repressão foi a prisão de cinco manifestantes, dois hospitalizados por atropelamento (sendo, um repórter atropelado pela

própria polícia militar) e mais cinco feridos por lesões provocadas por chutes, cacetetes e pisoteamento dos policiais aos alunos, funcionários e professores.

Porém, a entrada da polícia militar para reprimir uma manifestação pacífica dentro do Campus da USP, coloca em cheque a AUTONOMIA Universitária pois constitucionalmente é proibido a entrada de polícia em qualquer escola. Dando a entender que a entrada da polícia militar dentro do Campus da USP reflete a conivência por parte da reitoria, na medida em que o assessor pessoal do reitor organiza a repressão.

Diante destes fatos faz-se necessário repensar o Movimento Estudantil como um instrumento de contenção destes tipos de abusos. Desta forma o Congresso da UNE constitui-se em um instrumento de organização

nacional dos estudantes em defesa da UNIVERSIDADE PÚBLICA, GRATUITA, DEMOCRÁTICA e de BOA QUALIDADE. Além do Congresso da UNE, a participação dos estudantes junto aos CENTROS ACADMICOS, GRMOS e ao DCE é de vital importância na reconstrução do Movimento Estudantil, em defesa de uma UNIVERSIDADE que desenvolva pesquisas científicas que ajudarão o desenvolvimento do país nos diversos setores da atividade humana.

**PARTICIPE DO SEU C.A.
CONVERSE COM O GRÊMIO**

Afinal: DCE é pra LUTAR...

Robson Paulino cursa Engenharia Civil

Entrevista: Geraldine Quaglia

Ricardo Consonni

Geraldine Quaglia, 19 anos, 1,52m de altura, ruiva, cabelos esvoaçantes. Ela é linda. Muito comunicativa, fala pelos cotovelos (e rápido pacas, meu!). Ela é o tipo de pessoa que não pára quieta. Canta, dança, representa. É vocalista da Banda 'Os Comissários de Bordo' e atua na peça 'Namoro', juntamente com Vanessa Goulart e Gabriela Duarte. O que será que essa menina pensa da vida? Vamos ver nesta entrevista.

Ricardo Consonni - Você faz parte de uma banda. Qual é o tipo de som que vocês fazem ?

Geraldine Quaglia - Bom, a banda chama 'Os Comissários de Bordo'. A gente faz um som mais eclético, um pouco de tudo.

RC - Vocês estão seguindo alguma tendência agora ?

GQ - Não, na verdade o trabalho que a gente esta fazendo é pra ser uma coisa inovadora, a gente tem um estilo próprio. No fundo a gente mistura o teatro com a musica, é uma banda performática, com efeitos especiais e tudo. E poder mudar o estilo da música, introduzindo bailarinos, mais emoção, entende? E a gente curte muito isso, porque não fica aquilo de músico é músico e ator é ator, é uma coisa mais performática.

RC - Algo com estória, tipo Faroeste Caboclo do Legião Urbana ?

GQ - Mais ou menos. Algo tipo o Blitz.

RC - Vocês estão com alguma proposta de gravar um disco? Há um interesse de vocês neste sentido ?

GQ - Sim, a gente gostaria de gravar um disco, mas até agora nenhuma gravadora chegou pra gente com proposta pra gravar. A gente já pensou até em mandar material pra gravadora, porque o pessoal que viu a gente gostou bastante de nós, das loucuras, do nosso estilo. A gente já tocou no Victoria (Pub), no U.S. Beef-Rock, no Retro, no Aeroanta (faz tempo), no Raisa... Pô esse lugar era legal, pena que fechou. E todo mundo que nos assistiu adorou.

RC - E o nome da banda, de onde veio ?

GQ - Ah, é que as pessoas viajam nas nossas loucuras.

RC - Pô, muito legal. E o lance de shows, como é que é ?

GQ - É legal fazer show no interior, porque você precisa de uma grana também, Pô, você só



gasta, meu! Essa banda é uma coisa meio cooperativa, então se a gente ganha uma grana, com certeza ela vai pro caixa da banda pra pagar tudo aquilo que a gente já gastou. O problema é que você sempre acaba gastando mais do que você ganha. No começo é sempre assim, depois as coisas dão certo e aí muda tudo.

RC - Você canta na banda ?

GQ - Bom, tem eu e o Maurício. O Maurício é o compositor, eu ajudo um pouco, mudo uma coisa aqui e ali. A gente canta juntos algumas músicas, outras eu faço o back (backing vocal), outras eu canto. A gente varia bastante. Dependendo da música fica bem legal.

RC - Legal. E sobre cinema, qual sua opinião sobre o Cinema Nacional ? Eu tô falando do cinema como um todo, não só desses filmes do Centro da cidade, mas também dos filmes de arte.

GQ - E, eu acho super-legal, só que se você for comparar um filme nacional com um internacional, o estrangeiro é muito mais completo, colorido, sei lá, a produção é mais elaborada, maior. Mas aqui no Brasil também tem muitos filmes bons, apesar de não ter assistido a muitos filmes nacionais, por ser meio 'piveta' quando eles passavam (tinha a censura naquela época), os poucos que eu vi, eu curti. Eu acho que as pessoas deviam valorizar mais os nossos filmes,

sabe, em vez de assistir Rocky, assistir "Eu sei que vou te amar", "Pagu", sei lá.

RC - E, eu acho que o problema é que filme no Brasil é 'filme pra botar mulher pelada' e assim se explora muito o lado objeto da mulher e acabam esquecendo de contar a história.

GQ - Também. Falta explorar mais o relacionamento entre o Homem e a Mulher, contar a história entre eles. Não existem filmes de aventura, tipo Indiana Jones, não tem isso aqui, porque também não tem todos aqueles efeitos. Não existe filme de terror, tirando Zé do Caixão, bom...deixa pra lá.

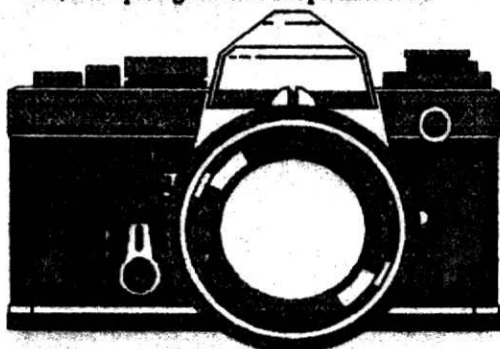
RC - E você, tem alguma experiência no cinema ?

GQ - Não, nada, mas gostaria muito de fazer, acho que deve ser uma coisa bem legal. Bom, desde que seja uma coisa que eu ache que tem a ver, sabe, uma história legal, você tem de avaliar se vai ser uma coisa positiva ou não pra você fazer aquele trabalho. A Fernanda Torres, por exemplo, fez um monte de filmes, já ganhou um puta prêmio como atriz. Pô, cara, o trabalho dela é maravilhoso. Então você tem de ver se é uma coisa que vai valer a pena pra sua carreira, de repente, sabe, fazer um filme pornô não tem nada a ver, eu não gostaria de ter esse tipo de imagem na cabeça das pessoas, não é bem por aí.

RC - E televisão, você já tem alguma experiência ?

GQ - Não, eu já apareci falando da peça,

cantando, divulgando a banda, no Revistinha, Metrôpole, algum dia vai sair o que a gente gravou pro Matéria-Prima, o pessoal tá segurando sei lá por que. Mas nada de programas ou comercial, entendeu? Mas eu gostaria muito de fazer televisão, se eu não respondi a sua pergunta. Eu acho que é uma coisa legal. Você mostra que você é realmente ator no teatro, é lá que você mostra sua garra, seu pique, você pode fazer movimentos grandes, não tem uma camera te enquadrando o tempo todo. Mas é na televisão, que você adquire uma estabilidade na carreira artística, e não só por isso, acho que a gente tem de aprender tudo.



RC - Certo, e o que você acha sobre essas novelas que tem passado ultimamente, explorando o sexo, como se fosse um produto comercial? Você assistiu a alguma delas?

GQ - Eu vi alguns pedaços. Sinceramente, eu não vi as partes onde as mulheres ficavam peladas, não cheguei a ver. Mas sei lá, de repente pode ser uma coisa legal se isso for feito com arte. Mesmo se for um filme onde a mulher apareça pelada, se for uma coisa artística, se tiver a ver com o contexto, aí tudo bem. Mas se for uma coisa pra chamar publico, e isso com certeza chama publico, então vira uma guerra, quem mostra mais, tipo entre A Rainha da Sucata e Pantañal, e as pessoas fazem isso apelando, pode ser até bonito como fizeram, de nadar no rio, eu não vi nenhuma cena direito, mas poderia ter sido algo mais discreto, entendeu? Agora, esse lance do Dono do Mundo, achei a maior loucura, eu não assisti aos primeiros capítulos, mas pelo que eu ouvi falar, Pô, a menina era virgem, tava com um cara, aí armam a maior história para ela ficar com outro, ela vai, transa com o cara, o cara a abandona, isso é muito irreal! Eu acho que o problema da televisão é mostrar a realidade das coisas, eles criam muito. Eu concordo que se o vilão não morrer no final da história, o povo vai cair matando, porque eles tem de fazer coisas que agradem a população. Mas também isso não existe, uma pessoa que é má ela tem de ser má até o fim, não é assim, as pessoas que são mas mesmo, tão lá em cima, no topo do mundo, tão lá porque pisaram em um montão de gente e ninguém consegue fazer nada, não acontece nenhuma desgraça, o cara tá aí, milionário, vivendo muito bem a vida. Isso, que as novelas abordam, é tudo muito irreal, entende?

RC - Mas você não acha que isso tudo tá ligado com o nível cultural de quem assiste?

GQ - É, tá meio ligado, eles as vezes gostam de deixar o pessoal pensando em cima de uma coisa, viajando por causa da atitude de um personagem, sei lá...

RC - E será que o povo entende isso?

GQ - Ah, é como o final de um filme, você pode deixar o fim de um filme pro pessoal pirar, entende? As pessoas gostam de ficar viajando em cima do final, que cada um faça uma história.

RC - E você acha que isso realmente acontece?

GQ - As vezes, sim. Sabe, televisão, todo mundo vê televisão. Mesmo nas classes mais pobres, a primeira coisa que eles querem comprar depois de um fogão e uma geladeira é uma televisão. Então, todo mundo assiste novela, você ve um monte de gente comentando, é um puta meio, apesar de não ser real, as pessoas gostam disso, de viajar. Pô, eu vi "Uma Linda Mulher", eu sei 'Cade meu príncipe', essas coisas assim. Eu sei que não é bem assim, mas é legal você pirar, achar que vai acontecer com você, também.

RC - Como você começou no teatro?

GQ - Eu sempre brinquei de teatro em casa, com minha irmã, era muito engraçado, a gente montava cenário. A gente tinha uma cama, e a gente tirava o colchão da cama e o teatro era aquilo. Aí a gente chamava a família pra ver. No fim de ano a gente sempre bolava coisas com a família toda, era demais. Aí, quando eu tinha 9 anos eu fiz uma peça, do meu pai, Walter Quaglia, e chamava "A Super Flor", a família toda atuava, depois disso eu fiz teatro amador, fiz umas leituras dramáticas, de umas peças do meu pai. Depois, eu fui convidada pelo Silney Silqueira pra fazer uma peça adulta, "O Último Encontro", em 1989. Aí eu não parei mais, sempre no Auditório Augusta, minha casa. Aí eu fiz o teste pro "Namoro", onde eu tô agora. Eu tenho registro profissional e tudo.

RC - E como foi esse esquema pra tirar carteira profissional como artista, e só chegar lá e dizer 'Legal, quero ser atriz' e pronto?

GQ - Não, eu tive que fazer um exame de banca, no ano passado, com diretor, autor, ator, etc., onde você faz um texto, eles te dão uma nota e vê se você passou ou não. Aí se você passou, você tira o registro. Senão você tem de fazer algum tipo de curso, tipo Macunaíma, EAD, ECA e no último ano você já tem registro profissional. Da pra perceber que é uma coisa de muito esforço, se hoje eu tô onde eu tô é por mim mesma, é a batalha de querer fazer, querer continuar, de pintar as coisas pra mim, sei lá, vamos fazer.

RC - E como é a influência das pessoas sobre o seu trabalho?

GQ - Eu sempre quis fazer coisas relacionadas ao teatro, fazer curso de teatro, sempre tive muita garra nisso. Acho que eu nunca recebi influência, nem do meu pai, nem da minha mãe, nem da minha irmã. Eles sempre deram a maior força e quando eu tô meio perdida eles me dão conselhos, 'ah, acho que esse trabalho não vai ser legal', mas se eu acho que vai eu vou lá e faço, e se não tiver legal, eu caio fora. Eu acho que você

tem de experimentar pra ver o que rola. Mas eu pergunto a opinião deles, de repente pinta um comercial onde eu va aparecer nua, aí eu pergunto, 'será que vai ser legal?' e ouço a opinião deles.

RC - Tem alguma atriz que você admira muito no meio teatral?

GQ - Tem. Tem uma que chama Walderez de Barros, a mulher é um escandalo, ela é muito boa. Ela tem um lance com a voz, uma expressão, ela é bárbara.

RC - Ela está fazendo alguma peça agora?

GQ - Não, ela tá dando um curso de interpretação e eu fui assistir uma peça que ela fez, que se chamava Max.

RC - Mas o teatro tem fama de ser 'coisa de rico'. Sá rico vai no teatro. O que você acha disso?

GQ - Bom, até no cinema, dependendo da pessoa, ela também não pode ir no cinema. Se bem que é mais... popular, mais barato. E o teatro, e uma coisa mais elaborada, no fundo e uma arte, você não pode por o preço tão abaixo, você acaba desprivilegiando o que você faz. Eu acho isso muito ruim, porque é valido você pagar pra assistir aquilo, a pessoa tá lá, dando o máximo dela, tá te passando uma puta energia, tá pondo uma puta vida no personagem que ela faz. Então, não é caro, pode ser caro pra uma pessoa que ganha três paus num dia gastar tudo no teatro a noite. Aí não dá mesmo. Mas a gente faz promoção com escolas, só que não é uma coisa muito mais barata; às vezes pode se tornar uma coisa meio prejuízo, sabe? Tem de ser uma coisa meio massificada, senão não dá.

RC - Bom, aí já fica uma coisa mais publicitária, comercial do que cultural, né?

GQ - É, ninguém faz nada de graça, tem de ter seu reconhecimento.

RC - E qual a sua opinião da situação do artista no Brasil, hoje em dia?

GQ - A carreira do artista é cheia de altos e baixos. Uma hora você tá lá, todo mundo te vendo, outra você tá fazendo ponta aqui e ali pra poder sobreviver. Mas tem casos de gente que já adquiriu uma certa estabilidade, sempre vão te chamar pra uma novela, pra um comercial. E o caso da Regina Duarte, do Francisco Cuoco. Então, eu não quero depender só disso, eu quero fazer alguma outra coisa.

RC - Você pensa em fazer faculdade?

GQ - Bom, eu já tenho uma profissão, eu fiz magistério, sou professora, eu já posso lecionar, apesar de nunca ter chegado a lecionar, porque pintou esse negócio de carreira artística, e eu acho que é uma coisa muito mais interessante, sem querer desprivilegiar o magistério, mas é uma coisa que eu quero levar mais a fundo, de mergulhar mesmo. Eu curto muito o magistério, mas aqui



o professor é muito mal remunerado, ninguém reconhece o que ele faz, só toma na cabeça, é uma puta loucura você ser professor aqui.

RC - Tá, e a faculdade ?

GQ - Eu tô a fim de fazer uma faculdade, talvez Jornalismo, já pensei em fazer (Artes) Cênicas, mais prá obter informações, história, prá de repente falar do Shakespeare, do Brecht, desse pessoal. Todo tipo de carreira você tem de estudar prá poder, se dar bem.

RC - Quer dizer, a base você já tem ?

GQ - Pode se dizer assim, o lance de pisar no palco é fazer, sim. Mas eu já pensei em fazer Direito, em ser política, até em ser policial, acho demais!

RC - Bom, sei lá, tomar tiro de bandido não é comigo. Mas falando de políticos, Política! O que você acha ?

GQ - E, eu não tenho partido, mas um cara que eu gosto muito é o Suplicy, independente de partido, e uma pessoa muito cativante. Mas eu não votaria num cara que nunca fez nada na vida e de repente quer ser presidente do Brasil. Falta uma experiência, uma chance que você deve dar pras pessoas de tentarem mudar um pouco o mundo.

RC - E o Collor ?

GQ - Ah, eu sei lá, pode ser que ele tá tentando e não tá conseguindo, não sei muito bem definir. Além disso, o que o Collor fez não prejudicou diretamente a minha pessoa. Agora, ele ter tirado várias leis que podiam me favorecer, como a Lei Sarney, que dava um puta privilegio prá nós, atores, tirou a Fundacen, que era um lance super-legal, nesse ponto eu sou radical, acho que ele não devia ter cortado nada disso. Mas tem gente que tá fazendo isso por conta própria, como o deputado Marcos Mendonça, que fez uma lei que já foi até aprovada, e isso eu acho muito legal. Mas eu sei lá do Collor, eu acho que ele fez uma viagem, quem sabe dá certo daqui um tempo, ele fez muita gente dançar por causa disso. Sabe, eu acho que a Zélia vai demorar muito prá voltar ao cotidiano dela, ela fez as coisas meio mandadas, e acabou tomando muito as dores. Mas quem sabe até o final do mandato pode rolar uma coisa positiva.

RC - Você acha que há uma tendência de ter políticos cada vez mais jovens ?

GQ - Eu acho muito legal não só termos políticos jovens, mas políticos interessados naquilo que o jovem quer, no que o jovem pensa, e que pensasse também mais na maioria, e não só no avô e na tia dele. O que falta é espaço para o jovem. Tem muito jovem que tá aí, querendo melhorar, mudar o mundo, e não tem espaço prá esse tipo de coisa. Isso é muito ruim.

RC - Como é a Geraldine na frente do espelho ?

GQ - Ah, não sei, eu mexo no cabelo, faço

careta, fico levantando a sobrancelha, faço assim com a boca. As vezes eu converso comigo, sabe, 'Pára, Geraldine, você tá errada', entendeu ? 'Se liga', dou uns tapas. Ah, eu me olho, sabe todo mundo tem um pouco de vaidade, né ?

RC - Você se acha bonita ?

GQ - Eu? Não, eu me acho uma pessoa diferente, com um certo charme, pode se dizer assim... Viu, eu não sou uma pessoa feia! Fala aí pros seus amigos que eu não sou aquela beleza tradicional, moreninha, olhinho moreninho, ou então loirinha de olhos azuis, saca ? É uma beleza diferente, saca ? Eu também não sou de se jogar no lixo. Você acha que eu sou ?

RC - Não.

GQ - Obrigada (risos).

RC - Porque você usa oculos ?

GQ - Porque eu tenho hipermetropia e estrabismo. E é uma coisa que eu não suporto no meu rosto é o estrabismo. Nunca gostei, mas vou fazer o que, o pessoal fala que é charme...

RC - Não dá prá você usar lente ?

GQ - Dá, por causa da hipermetropia, só que o oculos me ajuda a deixar de ser estrábica. Ele coloca meu olho mais no lugar.

RC - Você gosta de São Paulo ?

GQ - Eu adoro São Paulo. Amo mesmo.

RC - Que signo você é ?

GQ - Eu sou do signo de Escorpião, com ascendente em Câncer.

RC - Que dia você nasceu ?

GQ - Eu nasci no dia 8 de Novembro de 97.

RC - Você se liga em Astrologia ?

GQ - É, de vez em quando eu leio o meu horóscopo. E quando eu gosto de uma pessoa eu vou lá e vejo o signo dela.

RC - O que você acha do amor ?

GQ - Ah, o amor é lindo... Sinceramente. Não só o amor pelo sexo oposto, mas também o amor que você sente pelos seus amigos, pelas pessoas que você gosta, o carinho que você sente. Eu me dou muito prá quem eu gosto. Sempre me entreguei muito nas minhas amizades. E por isso você acaba se fodendo. Já me dei muito mal por causa de amigas minhas, sofri muito, sabe? Mas é gostoso poder irradiar amor, transmitir carinho prá todo mundo.

RC - Como é seu relacionamento com a Gabriela (Duarte) e com a Vanessa (Goulart) ?

GQ - É super-legal, a gente conta muito do nosso dia-a-dia uma prá outra, conversa muito, por eu ser mais velha, eu dou muito conselho pras outras, de amor, de trabalho. A gente brinca

muito, eu falo 'Vem cá, gostosinha', coisa bem zoada mesmo.

RC - Como é sua relação com os fãs? Você recebe cartas, flores, presentes ?

GQ - Eu já recebi um poema de um fã, mas a maioria é prá nós três, cartas, flores, quase só de amigos. Mas eu não tenho assim um fã secreto, que fica me mandando coisas.

RC - E namorar, o que você acha ?

GQ - Ah, eu adoro namorar. Eu fiquei muito tempo sem me relacionar, uma coisa séria. Eu gosto de namorar porque eu acho super-legal as pessoas se gostarem, você curtir estar com aquela pessoa. Acho que é bom, uma transferência de carinho. Mas também não pode ser uma coisa muito bitolada, muito sufocante, entendeu? Você tem de ter um pouco de liberdade, prá sair com os amigos. Outra coisa que eu acho muito importante é a sinceridade.

RC - E aquele lance do pessoal que vai pro shopping, prá 'ficar' com outras pessoas, dar um rolê, etc ?

GQ - Meu deus, isso acontece, mesmo ? Meu, como eu sou careta ! Mutcholoco isso aí, mas de repente pode ser uma coisa tesão. Baixou uma coisa na cabeça, vamo aí, meu. Vamo pirar juntos, vamo assistir ao filme malhando! Muito louco, meu!

RC - Você recebe muita cantada ?

GQ - Não. A maioria liga lá prá casa e diz um monte. As vezes é amigo enchendo o saco, passando trote. Mas outro dia ligou um dizendo que me amava, 'Geraldine, Ge, te amo. Lembra de mim, é o Zeca'. Mas isso é mais pentelhação. Mas sempre tem aqueles que, quando você passa, falam 'O minha deusa, vem cá!', mas isso é com toda mulher. Mas ninguém nunca baixou o nível.

RC - Você sai muito ?

GQ - Eu adoro sair. Não gosto muito de ficar em casa. Fico de vez em quando prá arrumar o quarto, prá conversar com os meus pais, às vezes vem alguém em casa. Mas eu prefiro sair, eu não gosto de ficar sozinha.

RC - Quando você sai, você vai aonde ?

GQ - Ah, varia. Eu gosto de shopping. Antigamente eu ia muito. Você vai lá, toma um sorvetinho, paquera os garotinhos, cinema. Atualmente, eu vou no shopping prá passear, não prá conhecer alguém lá dentro, prá badalar.

RC - Esse negócio de estar fazendo peça, não te atrapalha prá sair ?

GQ - Não, não. Se eu quiser sair, eu saio depois da peça.

RC - Você é ciumenta ?

GQ - De vez em quando. Agora nem tanto. O ciúme tem vários aspectos. Tua irmã ganhou uma roupa linda, você fica com um puta ciúme. Pô, também quero. De repente, puta broto que aquela mina ficou... Ah, filha da puta! Então, tem vários tipos de ciúme...



RC - Não, e ciúme de namorado ? Quando chega aquele puta avido, abraça o teu namorado e diz 'E aí, Dodo, você por aqui ?'

GQ - É, eu já tive bastante. Eu fico muito puta. Eu sou meio ciumenta mesmo.

RC - Você já tomou como ?

GQ - Já, e eu fiquei muito puta da vida. Faz um tempo, já. Mas foi a menina que subiu em cima dele, que me contaram. Era uma chilena. Teve um outro que me chifrou... E, quando eu era piveta, eu sempre me fodia! Sempre tomava na mente.

RC - E comeiar, você já comeiou ?

GQ - Uma vez, acho. E, quando eu era muito menor, eu namorei um cara, foi super sério, a gente se gostava muito, aí eu fui viajar, deu a louca, não sei, acabei ficando com outra pessoa. Não foi uma coisa que eu não gostava mais dele, puta sacanagem, sei lá, entendeu. No fundo até me arrependi depois do que eu fiz.

RC - E drogas, o que você acha ?

GQ - Hmm... Eu não sou contra quem faça, mas eu acho que se você tá a fim de se drogar, bom, dependendo da droga também, né, não vai ficar se picando toda hora, tomando ácido, fumando, todo fim-de-semana, entendeu? Esquece, vê se não é só por que todos seus amigos fumam, se é prá você

se interar no meio social deles, não precisa fazer o que eles tão fazendo. Se eles no fundo gostarem de você, eles vão te aceitar fumando ou não. Mas vê lá o que você tá fazendo, se tá sendo legal prá você. **RC - Sexo ?**

GQ - Eu acho que é legal, você gostar de uma pessoa, ir lá, transar com ela, de repente pode ser uma puta coisa. Acho que as pessoas tem muita pressa de fazer. Acho que essa juventude que tá entrando, eles tem uma puta curiosidade de saber como é que é, o que que rola, e não sabe nem se tá preparado praquilo. Eu acho que você tem que estar preparada psicologicamente, e ir lá fazer com a pessoa que você gosta, ou de repente com alguém que você não curte, mas acha que tem algo a ver. Se pintou o momento, se você acha que tá preparada praquilo, vai, meu, mas no dia seguinte, sabe, vai devagar, vê lá como você acorda... Tem muita menina que sai depois transando com todo mundo, aí não dá mesmo!

RC - E a virgindade, você acha que as meninas estão transando mais cedo hoje em dia ? Tem muita gente que não casa virgem ?

GQ - Todo mundo tem uma puta curiosidade de saber, mesmo em relação a droga, sabe, 'O, vamo aí, vamo sentir o barato', então eles entram muito cedo na coisa, por uma questão de 'Vamo ver como é que é', não aguentar porque a

curiosidade é muito grande, prá chegar e...(risos, com movimentos de mão).

RC - E o que você acha da virgindade ?

GQ - Acho que talvez importe, a pessoa sendo virgem pode ser um problema, por que tem aquele negócio de tabu e pode também, no fundo, ser lindo, entendeu, você esperar uma pessoa legal prá você fazer...isso. Uma pessoa que você realmente ache que vai valer a pena, que merece, prá você realmente se entregar, ser feliz, eu acho bonito, saca? Boto fé nisso.

RC - Rosto bonito versus cabeça feita?

GQ - Ah, eu prefiro uma cabeça feita. Muito mais. A pessoa até talvez não seja linda, mas tem que ter charme. Alguém que não tem nada na mente, ah, não dá nem prá conversar. Você só quer dar beijo, o tempo todo. Aí só dá prá ficar, imagina, aquele papo chato o tempo todo!

RC - Puxa, muito obrigado mesmo. Foi demais. Vamos tomar um sorvete ?

GQ - Vamos!

Detalhe : Ela adora comer...

GQ - Um recado pro pessoal aí da Poli: OI, GALERA, UM PUTA BELIO PROCÊS! Vai lá me ver, hein!

O Super Engenheiro por Rogério Trezza



FÁBIO PETTENÁ

PROJETO, ARTE DESIGN E CONFECÇÃO DE CAMISETAS, AGASALHOS, BERMUDAS, ADESIVOS E DEMAIS ARTIGOS DA LINHA UNIVERSITÁRIA.

Telefone Para Contato: 258-0978

Pesquisa POLIT(R)ÉCNICA

Essa pesquisa é fundamental para a vida futura d'O Politreco.

Através dela podemos melhorar o jornal e implementar as suas sugestões. Tente responder da maneira mais séria possível. Depois de responder, coloque na urna na sala 16 do Biênio. Desde já, muito obrigado.

Em algumas perguntas, pode-se assinalar mais de uma opção.

1) Em que unidade você estuda majoritariamente?

- 1 Biênio + Produção
- 2 Química
- 3 Mecânica + Naval
- 4 Minas + Metal
- 5 Elétrica
- 6 Civil

2) Em que ano do curso você está?

- 1 1º
- 2 2º
- 3 3º
- 4 4º
- 5 5º
- 6 6º ou mais

3) Com que facilidade o Politreco é encontrado em sua unidade?

- (1-Muito difícil; 5-Muito fácil)

4) Com que frequência você lê o Politreco?

- 1 Regularmente
- 2 As vezes, sempre que pode
- 3 Raramente
- 4 Nunca

4) Com que frequência você escreve para o Politreco?

- 1 Frequentemente
- 2 As vezes
- 3 Já escreveu ao menos uma vez
- 4 Nunca

5) Se não escreve, nunca escreveu ou escreve pouco, é porque:

- 1 Não tem tempo
- 2 Acha inútil
- 3 Acha que o que você gostaria de escrever seria de pouco interesse para os alunos
- 4 Acha que o que você gostaria de escrever não se adaptaria à linha editorial do jornal
- 5 Outros

7) Você gostaria que o Politreco contivesse mais:

- 1 Esportes
- 2 Cultura
- 3 Política
- 4 Humor
- 5 Literatura
- 6 Reportagens
- 7 Entrevistas
- 8 Outros

8) Dê notas de 1 (péssimo) a 5 (ótimo) para os seguintes aspectos das edições do jornal neste ano:

- 1 Diagramação
- 2 Ilustrações
- 3 Impressão e acabamento final
- 4 Assunto dos artigos
- 5 Qualidade dos Artigos
- 6 Outros _____

9) Para você, o jornal deveria ser informativo?

- (1-Não; 3-Sim, mas não todo; 5-Exclusivamente)

10) Você gostaria de participar do Politreco?

- sim
- não

11) Se sim, em que etapa?

- 1 Redação
- 2 Diagramação
- 3 Ilustrações e quadrinhos
- 4 Impressão e acabamento final
- 5 Digitação
- 6 Trabalhos com computador
- 7 Outros

Opcional: Nome: _____ telefone p/ contato: _____

12) Quais são os principais problemas do jornal na sua opinião?

13) O que você mais gosta no jornal?

14) Quais são suas sugestões?

15) Uma nota final para o Politreco, de 0 a 10:

16) Comentários Gerais

COLOQUE NA URNA OU ENTREGUE NO SEU CENTRINHO